

Itirapuã: cooperativismo em alta

Foto divulgação Prefeitura

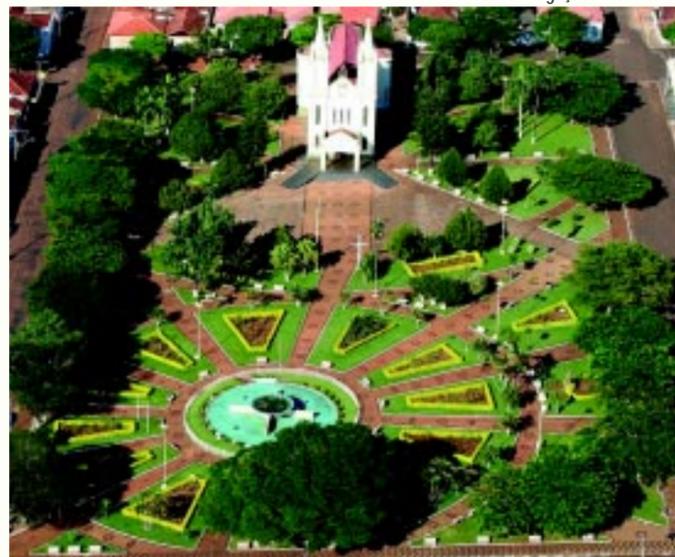
Os primeiros habitantes de Itirapuã eram mineiros que chegaram à região em busca da primeira atividade econômica do local: o garimpo de diamantes. Foi um ciclo rápido, que deu lugar ao café, o ouro negro. Com a chegada dos imigrantes para trabalhar no campo chegou também a prosperidade e o desenvolvimento.

Situada a uma altitude de quase 900 metros, com um clima muito ameno, média anual de 20 e 21°C, Itirapuã foi perfeita para o café, até hoje sua principal cultura, dividindo com o leite a preferência entre os produtores.

A cidade de pouco mais de 5 mil habitantes tem no agronegócio sua principal fonte de empregos e renda, seja nas fazendas, ou nas pequenas indústrias. São dois laticínios na cidade. Um deles processa 7 mil litros de leite por dia, emprega 15 pessoas diretamente e outras 130 indiretamente. A cultura cafeeira é responsável por 40% dos empregos locais.

A indústria calçadista chegou à cidade há menos de 3 anos e já emprega cerca de 300 pessoas. A prefeitura construiu barracões e ofereceu vantagens fiscais para que empresas se instalassem na cidade. A proximidade com Franca atraiu as pequenas empresas de calçados e parte da produção das grandes. Mas a oferta vale para todos os setores. O que a cidade quer é garantir mais emprego e renda para a população.

Com 59 anos de emancipação política, a pacata Itirapuã tem quali-



Praça central, com destaque para a fonte luminosa

dade de vida. A infra-estrutura chega a 100% em todos os serviços oferecidos para a população: água tratada, luz, recolhimento de lixo, asfalto, iluminação pública e esgoto tratado.

Na área da saúde existem 2 Programas de Saúde da Família e um Centro de Saúde, onde o atendimento por especialistas (cardiologia, neurologia, ginecologia, psicologia, fonoaudiologia e odontologia) acontece uma vez por semana.

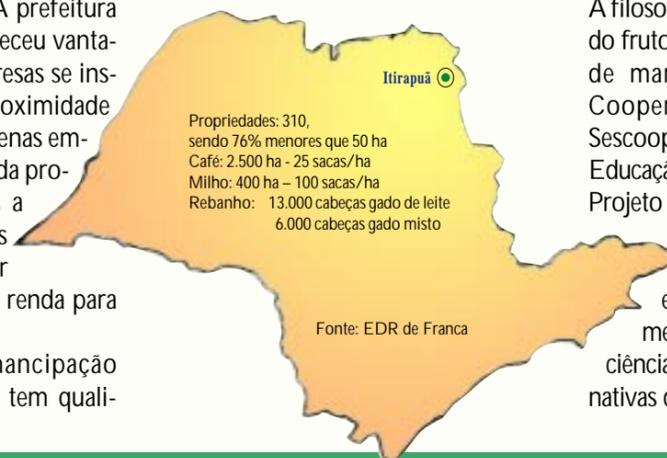
A educação municipal atende crianças da creche à 4ª série do ensino fundamental. Na 4ª série, as crianças participam do Programa de Bem com a Vida, passam o dia todo na escola com ativi-

dades esportivas, culturais e de reforço escolar. Da 5ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio os alunos estudam na rede estadual. Um convênio com uma faculdade de Franca garante bolsa de estudo aos mais carentes, além do transporte diário.

A vida segue pacata em Itirapuã. A fonte luminosa ainda funciona e é ponto de encontro às quintas, aos sábados e aos domingos. O Serviço Social da Paróquia movimenta a cidade com bailes e shows quase todos os finais de semana. Mas as festas esperadas são as quermesses de

julho e outubro, e a Festa do Peão, em março.

Dos filhos ilustres, Itirapuã cita sempre Bernardo, ex-jogador do São Paulo, e o Presidente da OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras, Márcio Lopes de Freitas, que apesar de não ter nascido na cidade, foi criado lá. Itirapuã é uma cidade cooperativista. Na praça central um monumento em bronze homenageia os 29 fazendeiros que criaram, em 1941, a Cooperativa Nacional Agroindustrial (Coonai). A cidade não é mais sede da cooperativa, mas todos os proprietários rurais locais são cooperados, e é lá que estão a fábrica de ração e o silo de milho da Coonai. A filosofia cooperativista continua dando frutos em Itirapuã. No final do mês de março foi lançado o Projeto Cooperjovem, uma parceria do SESCOOP/SP, Secretaria Municipal de Educação e cooperativas da região. O Projeto vai capacitar professores para levar à sala de aula temas ligados ao cooperativismo e ao empreendedorismo para, ao mesmo tempo, despertar a consciência sobre cooperação e abrir alternativas de geração de emprego e renda.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 3623-2326 e 3620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares



Editorial Orgulho e Coragem

Não vamos entrar no mérito das reivindicações, mas sim das convicções.

O que dizer da atitude extrema que os agricultores argentinos tomaram em defesa de sua atividade, bloqueios em estradas para impedir a passagem de caminhões com alimentos. Uma atitude corajosa dos produtores, para demonstrar a exata noção que têm da importância que a atividade representa para os cidadãos e para o país. Os prejuízos chegaram a quase R\$ 2,76 bilhões, quase 0,5% do PIB argentino (até a primeira semana de abril), causou desabastecimento e a disparada da inflação.

O que dizer da atitude da população urbana que saiu às ruas num "panelaço" em favor daqueles que garantem o abastecimento de alimento, fibras, energia e divisas para o país? Ela entende o papel desempenhado pelo homem do campo, e deixou clara a decepção com a falta de sensibilidade do governo. A popularidade da presidente argentina caiu de 46% para 38%, e a desaprovação subiu de 12% para 17%.

A adesão ao movimento foi brutal. Agricultores ligados a entidades e agricultores independentes se juntaram numa sintonia de causar inveja. Inveja também causou o apoio da população. Em democracia ela significa força e legitimidade.

Porque no Brasil não existe uma união como esta? Porque sempre sobra a impressão que a atividade rural aqui é de "segunda classe", nem sempre valorizada e ouvida?

Se fazer ouvir. Talvez esteja aí a resposta que o agronegócio brasileiro precisa.

Mas ser ouvida por quem? Por todos: pela população urbana, para que ela entenda o papel desempenhado pelo setor; pelo governo, que sabe sim da importância do agronegócio e suas dificuldades, mas faz ouvidos moucos; pelos

mercados internacionais, para que seja feito o retrato fiel do agronegócio brasileiro e, principalmente ser ouvida e entendida pelo próprio setor que precisa se convencer de uma vez por todas da força que possui.

Vale dizer que não foram resolvidos internamente velhos e conhecidos gargalos que afetam a competitividade do agronegócio brasileiro. Esse desleixo com a lição de casa certamente não ficará impune. Com tudo por fazer, como se já não bastasse, surge no mundo uma nova variante que certamente exigirá mudanças no modus operandi de tudo o que se conhece, sem nenhum exagero: a sustentabilidade. Apesar de ser ainda um conceito em construção, já apareceu carregado de viés ideológico, ora social, ora ambiental, ora as duas coisas. Com o apelo catastrófico do aquecimento global, cujos holofotes estão todos voltados para o Brasil, o tema vem ocupando cada vez mais espaço na mente dos consumidores mundo afora. O perverso é que a pouca transparência aninha em seu bojo carga bélica suficiente para interferir significativamente na guerra por mercados, permitindo que novas barreiras ao comércio surjam, com as bênçãos de todos.

Resta muito a fazer, mas é preciso combater as inverdades, e para isso é necessário que o setor gere conteúdo crível, que estabeleça canais permanentes de comunicação e diálogo com todas as partes envolvidas, e que desenvolva um programa consistente de valorização da imagem do agronegócio brasileiro. É nesse sentido que a ABAG/RP vem trilhando o seu caminho, com o apoio de empresas já sintonizadas com essa nova dinâmica global.

Mônica Bergamaschi

Mecanização da cana: caminho sem volta

O Instituto de Economia Agrícola, IEA, órgão da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento divulgou, no final de março, um estudo sobre o nível de mecanização da colheita da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo. O levantamento inédito, feito com dados da cana colhida em junho de 2007, teve como justificativa a necessidade de apurar a evolução da mecanização para acompanhar a questão do emprego, posto que a cana-de-açúcar é a cultura que mais contrata mão-de-obra no Estado, também a que gera o maior valor de produção, além de ocupar expressiva extensão de terra (3,8 milhões de hectares).

Os dados fornecidos pelos 33 Escritórios de Desenvolvimento Rural, EDRs, apontaram que 40,7% da cana foram colhidas com máquinas no Estado em 2007. Com este número em mãos o IEA calculou que da safra de 319.650.216 toneladas de cana, cerca de 190.000.000 foram colhidas manualmente por quase 160 mil trabalhadores.

O estudo tem por objetivo acompanhar a evolução do mercado de trabalho, subsidiar a elaboração de políticas públicas e nortear o setor, que aderiu ao Protocolo Agroambiental do Estado de São Paulo. Primeiramente as indústrias, em 2007, e em fevereiro de 2008 os fornecedores independentes. O Protocolo prevê o fim das queimadas de cana até

2017, com prazos diferentes para as áreas mecanizáveis e não mecanizáveis. Nas áreas mecanizáveis até 2010 70% da cana deverá ser colhida com máquinas, com eliminação total da queima até 2014.

Para as áreas não mecanizáveis, com declividade superior a 12%, ou menor que 150 hectares de colheita, o percentual de eliminação da queima de cana é de 30% até 2010 e 100% até 2017. Às usinas que aderirem ao protocolo e cumprirem as regras estabelecidas será garantido o selo ambiental, que tem entre os objetivos facilitar a comercialização do etanol. Como a usina utiliza também matéria-prima dos fornecedores independentes, estes não poderiam deixar de aderir ao protocolo, diz o presidente da Orplana, Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil, Ismael Perina Junior. "Parece um prazo longo, mas é um tempo apertado para o fornecedor de cana, que tem uma realidade diferente da usina em termos de capacidade de investimento". Além disso, lembra Perina, "é preciso pensar nas áreas menores e com declives maiores que 12%". A Orplana já está em contato com alguns fabricantes de colhedoras para o desenvolvimento de uma máquina adequada ao tamanho do bolso e das propriedades dos pequenos e médios produtores.

Nas regiões mais tradicionais da cultura o índice de colheita mecanizada é

expressivo. Em Orlandia chega a 66,8%, em Limeira, 62,1%, e em Ribeirão Preto, 58,4%, ou seja, muito próximos do proposto no Protocolo Agroambiental. As áreas menos tradicionais no cultivo da cana-de-açúcar, como Araçatuba e Tupã, têm cerca de 10% da colheita feita por máquinas.

A demanda do mercado é de 750 máquinas por ano. As indústrias estão trabalhando no limite de sua capacidade. Em 2007 foram produzidas cerca de 650 colhedoras.

Em Ribeirão Preto a Santal Equipamentos, empresa 100% nacional, fabrica colhedoras desde 1972. Em 2004 lançou um novo modelo com sistema Tandem, com 6 pneus, que permite a operação em terrenos mais inclinados. Quatro foram entregues naquele ano. O crescimento da produção foi de 45% ao ano, e em 2007 foram produzidas 24 colhedoras. Para 2008 a produção deve mais que dobrar, e a previsão é que 50 serão produzidas.

Segundo Arnaldo Adams Ribeiro Pinto, diretor presidente da Santal, o sistema Tandem oferece um custo de manutenção muito menor que o sistema de esteira, o que a torna uma boa opção para o produtor de cana. Produzir uma máquina menor não está fora dos planos, mas o desafio tecnológico é muito grande, segundo Arnaldo. A empresa já produziu máquinas menores, mas para colheita de cana queimada. Para a cana crua é preciso buscar a viabilidade econômica. Desenhos e plantas até já existem, mas tudo depende da demanda.

Um nicho de mercado que a empresa já enxergou é a necessidade de uma colhedora de mudas, com menor impacto nas gemas e colmos de cana. O lançamento será na Agrishow 2008.

Segundo o IEA, se a taxa de mecanização crescer 1% ao ano significa que 2,7 mil cortadores perderão seus empregos no Estado de São Paulo anualmente. O reflexo do desemprego só não é sentido de forma mais aguda porque apesar do aumento da mecanização, houve aumento também na área plantada. A pesquisa apontou que a região de Jaboticabal, uma das mais mecanizadas, foi também a maior empregadora em 2007, com 9.816



Na Usina da Pedra, trabalhadores rurais são requalificados para a colheita mecanizada

carteiras assinadas. Em seguida apareceu Ribeirão Preto, com 8.797 trabalhadores contratados.

Segundo o presidente do Sindicato dos Empregados Rurais de Ribeirão Preto e Região, Silvio Palviqueres, devido ao acordo é impossível parar a mecanização, mas a questão social não pode ser esquecida. Só em Ribeirão Preto 400 postos de trabalho foram fechados no ano passado. As vagas retraíram de 1.600 para 1.400. A falta de qualificação dessa mão-de-obra dificulta a recolocação do trabalhador, que em sua maioria migrante, prefere ficar na região canavieira de São Paulo fazendo bicos, a voltar para sua região de origem, onde o ganho é muito menor. Silvio enfatiza que muitas usinas estão requalificando trabalhadores rurais, mas que as vagas são poucas. A União da Indústria de Cana-de-Açúcar, UNICA, estima que cerca de 70 mil trabalhadores rurais podem migrar para a colheita mecanizada e 20 mil devem ir para indústria, um número não tão pequeno como o calculado pelo Sindicato dos Empregados Rurais de Ribeirão Preto.

As discussões sobre o que fazer devem se intensificar e envolver empregadores, governos, em todas as esferas, sindicatos de tra-

balhadores, Ongs, produtores, fornecedores de máquinas, insumos, enfim toda a cadeia produtiva. O IEA considera o estudo publicado um instrumento de fomento para as discussões. O levantamento estatístico é um subsídio inicial e deverá ser repetido nos próximos anos, com o objetivo de mitigar os impactos do desemprego nas regiões canavieiras.

Mercado de trabalho

Um outro trabalho recém publicado trata da questão do emprego no setor sucroalcooleiro. O estudo "Mercado de

Foto acervo Usina da Pedra



Operador de máquina, na função de operador-mantenedor, faz manutenção de colhedora na Usina da Pedra

trabalho da cana-de-açúcar", produzido para o "Observatório do Setor Sucroalcooleiro" pelos professores e pesquisadores da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, FEA-RP/USP, teve por objetivo discutir o impacto da expansão do setor sobre a qualidade e condições do trabalho. A professora doutora Lara Bartocci Liboni usou duas bases de dados: a RAIS do Ministério do Trabalho, para obter informações sobre os empregos formais; e a PNAD, do IBGE, para os dados de outros vínculos empregatícios.

Os resultados, comparados a outros segmentos específicos, mostram que o setor possui uma relação trabalhista muito diferente da difundida pelos meios de comunicação.

A remuneração no campo, por exemplo, é 21% maior do que nas outras culturas e só perde para a soja. Na etapa de processamento a remuneração é semelhante à média praticada na indústria de alimentos.

Quanto à qualificação, o setor tem um alto índice de analfabetismo: 12%, enquanto na pecuária este número é de 4%. No cruzamento entre os dados de salário e qualificação, é o trabalhador da cana o que recebe melhor remuneração em relação à qualificação. Foi constatado que não existe presença significativa de menores de 17 anos trabalhando no setor na área agrícola. Na indústria há mais trabalhadores acima de 39 anos do que em outros setores.

No emprego permanente a cana tem maior percentual comparado a outras culturas: 51% dos trabalhadores do setor são permanentes e 49% são temporários. O estudo aponta que o setor sucroalcooleiro tem a melhor distribuição de renda no trabalho com indicadores de remuneração e condições do trabalhador positivas. Estes números, segundo a pesquisadora Lara Liboni, mostram que mesmo com o avanço da mecanização o setor manteve seu peso na geração de empregos, e que o fim do corte manual da cana deve melhorar esses indicadores.



A Santal Equipamentos, de Ribeirão Preto, produz colhedoras 100% nacionais